

LETÍCIA SANTANA STACCIARINI

**A CONSTITUIÇÃO DO PERSONAGEM PRIVILEGIADO PELO MEIO
JURÍDICO EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS**

Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem

UFG Regional Catalão

CATALÃO/GO – 2015

LETÍCIA SANTANA STACCIARINI

**A CONSTITUIÇÃO DO PERSONAGEM PRIVILEGIADO PELO MEIO
JURÍDICO EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS**

Dissertação de Mestrado vinculada à linha de pesquisa “Literatura, Memória e Identidade”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da UFG – Regional Catalão, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Imaculada Cavalcante.

Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem
UFG Regional Catalão
CATALÃO/GO – 2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Santana Stacciarini, Leticia

A Constituição do Personagem Privilegiado Pelo Meio Jurídico em
Contos de Machado de Assis [manuscrito] / Leticia Santana
Stacciarini. - 2015.
CXXXIX, 139 f.

Orientador: Profa. Dra. Maria Imaculada Cavalcante.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Regional
Catalão, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Linguagem, Catalão, 2015.
Bibliografia. Anexos.

1. Machado de Assis. 2. Conto. 3. Personagem. 4. Direito. I.
Cavalcante, Maria Imaculada, orient. II. Título.

LETÍCIA SANTANA STACCIARINI

**A CONSTITUIÇÃO DO PERSONAGEM PRIVILEGIADO PELO MEIO
JURÍDICO EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação
Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade
Federal de Goiás, Regional Catalão, como quesito parcial
para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e identidade

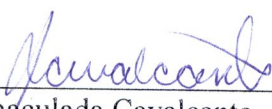
Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Identidade

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Imaculada Cavalcante


Aprovado em 06 de agosto de 2015.

Catalão,

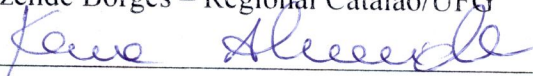
Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Maria Imaculada Cavalcante – Regional Catalão/UFG (Presidente)



Prof.^o Dr.^o Valdeci Rezende Borges – Regional Catalão/UFG



Prof.^a Dr.^a Kênia Maria de Almeida Pereira – Universidade Federal de Uberlândia/UFU

Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem

UFG Regional Catalão

CATALÃO/GO – 2015

AGRADECIMENTOS

As intempéries diárias parecem surgir com o intuito de nos lembrar que o caminho não é fácil. Em vários momentos é necessário força contra o abatimento e a jornada só se torna possível em função do apoio recebido no delongar do tempo. Tenho muito o que agradecer e a muitas pessoas também, pois a concretização do presente trabalho não seria possível sem o amparo nos flagrantes penosos.

Nesse sentido, agradeço, inicialmente, a Deus pela força espiritual. Afinal, o que seria dos meus dias se eu me perdesse no equilíbrio que apenas por Ele fora proporcionado?

Agradeço também ao “Bruxo do Cosme Velho” que, depois de mais de um século da sua morte, continua arrancando suspiros e inspirando atenções de milhares de apaixonados em sua literatura.

Por conseguinte, dirijo-me com reconhecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES) e à Universidade Federal de Goiás, ambas essenciais para o desenrolar desta pesquisa.

Com um carinho especial reconheço a importância dos meus pais – José Henrique e Maria Glória – e irmãos – João Henrique e Gabriel Henrique – não apenas durante este trabalho, mas em cada oportunidade singular da minha vida. Difícil imaginar o que seria de mim sem eles, as minhas maiores e verdadeiras preciosidades.

Muito obrigada também às amigas constituídas durante o mestrado as quais se fizeram mais fortes na medida em que deixaram os bancos da academia e se tornaram indispensáveis aos encontros da vida lá fora.

Reverencio aos familiares como um todo – avós, tios, primos, afilhados – e, além disso, aos amigos de sempre (... e para sempre) pelas presenças muito mais do que necessárias.

Nas figuras dos professores Braz José Coelho, Sirlene Duarte (*in memoriam*), Maria Helena de Paula, Silvana Carrijo, Luciana Borges e Alexander Meireles, agradeço a todos os docentes do Departamento de Letras e do Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG/CAC. A admiração por vocês vem desde a época da graduação quando concluí que minha paixão nunca deixaria de ser a sala de aula.

Obrigada também à secretaria e coordenação do Mestrado em Estudos da Linguagem. Em diversos instantes precisei solucionar dúvidas e pude contar com o auxílio almejado.

Paralelamente a isso, recordo-me com muito carinho das contribuições da professora Dr.^a Tatiana Franca Rodrigues Zanirato durante o Seminário de Pesquisa, bem como dos professores Dr. Valdeci Rezende Borges e Dr.^a Kênia Maria de Almeida Pereira os quais formaram minha banca de qualificação ajudando-me com sugestões muito pertinentes que vieram para somar na produção deste trabalho e que, além disso, aceitaram compor minha banca de defesa da dissertação.

Por fim, com uma gratidão imensurável, agradeço à minha orientadora, professora Dr.^a Maria Imaculada Cavalcante, pela paciência e o auxílio incessantes desde a época da graduação até a execução deste trabalho. Não tenho palavras para descrever a sua importância em toda minha trajetória acadêmica e também para com meu aprendizado de vida. Obrigada pelos ensinamentos, aconselhamentos e, acima de tudo, pela compreensão... nunca poderei retribuir-lhe à altura por tudo que me fora proporcionado.

Muito obrigada a todos!

És um exemplo vivo, digo, morto, de obstinação: sem formação escolar, tu te tornaste um gênio da literatura universal; gago, epilético, pobre, autodidata, galgaste degraus, sem tropeçar e sem nunca pisar em teus semelhantes. És Quixote com dom de escrito genial.

Compreendeste as leis humanas como poucos. Múltiplo, foste, a um só tempo, advogado, juiz e promotor. Valendo-te de personagens reais ou fictícios nos valores supremos da Justiça e do Direito.

És doutor da alma. És mestre do texto. És PhD em política. És livre-docente na filosofia. És professor emérito da condição humana. És jurista de fato (MATOS & SCHUBSKY, 2008, p. 78).

Resumo: Em se tratando da leitura dos escritos machadianos, alguns aspectos recorrentes não deixam de ser notados. Dentre uma série de contextos que merecem destaque, percebe-se, por exemplo, que o autor opta por enredos com a presença de personagens quase sempre privilegiados pelo meio jurídico ou que, ao menos, sejam bacharéis. Nesse sentido, o leitor de Machado de Assis naturalmente é exposto a temáticas e conhecimentos plurais que envolvem o Direito. Por tudo isso, com o intuito de realizar uma pesquisa acerca da constituição deste personagem em determinadas criações literárias do escritor, três contos foram selecionados: “Virginius (narrativa de um advogado)”, “Ex Cathedra” e “Suje-se Gordo!”. Algumas dessas narrativas chegam a abordar o modo como as lides eram resolvidas na época em que foram publicadas. Não apenas isso, mas apresentam também situações jurídicas com o envolvimento de bacharéis ou, frequentemente, até mesmo de advogados já constituídos. São diversos os ângulos em que ele aparece: ora como personagem central, ora como secundário ou, até mesmo, atuando enquanto narrador da trama. Frente ao exposto, como objetivo principal, o trabalho em tela propõe uma análise da ótica de construção do personagem privilegiado pelo meio jurídico nos três contos escolhidos do referido autor. A principal abordagem metodológica para este estudo é a de pesquisa teórica, baseando-se em um referencial bibliográfico. Partindo desse pressuposto, realiza-se um apanhado sobre o referencial teórico, em especial no que diz respeito aos textos narrativos selecionados para análise. No que se refere aos principais teóricos de pesquisa e embasamento, vale destacar Gustavo Tadeu Alkmim (2008) e Roberto Schwarz (1988) em se tratando da pluralidade de temáticas encontradas nos enredos machadianos; Antonio Candido (1977), Alfredo Bosi (2002), Leonardo Affonso Pereira (1968), Miguel Matos e Cássio Schubsky (2008) acerca da biografia e diferentes atividades a que se dedicava o autor; Sergio Buarque de Holanda (1936), Alfredo Bosi (2007), Oziris Borges Filho (2007), Marisa Gama-Khalil (2008) e Valdeci Rezende Borges (2000 e 2007) para falar sobre a cidade do Rio de Janeiro à época de Machado e como material de observação para os escritos dele; Nádia Battella Gotlib (1985) e John Gledson (2006) sobre a faceta cronista do autor; José Wanderley Kozima (1996), além de novamente Miguel Matos e Cássio Schubsky (2008) para o destaque da presença do mundo jurídico também na vida de Machado; Gustavo Tadeu Alkmim (2008) uma vez mais e Luiz Carlos Cancellier de Olivo (2007) a respeito da marca do Direito na produção literária do “Bruxo do Cosme Velho”; Roberto Schwarz (1990), Gilberto Freyre (2006), Beth Brait (1985), Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov (1972), Massaud Moisés (1992) e Aristóteles (s/d) no que tange à personagem e também à construção dos intérpretes machadianos; Antonio Candido (2011), Ligia Chiappini Leite (1985) e Therezinha Mucci Xavier (1986) para análise do conto “Virginius (narrativa de um advogado)”; Antonio Dimas (1985) e Rodrigo de Avelar Breunig (2006) no tocante ao entendimento de “Ex Cathedra”; Ana Helena Armange (2014) e outra vez as autoras Nádia Battella Gotlib (1985), Ligia Chiappini Leite (1985) e Marisa Gama-Khalil (2008) para o trabalho com a narrativa “Suje-se Gordo!”, dentre uma série de outros autores estudados, clássicos e contemporâneos.

Palavras-chave: Machado de Assis; Conto; Personagem; Direito.

Abstract: In dealing with the reading of the Machadian short stories, some recurring features do not cease to be noticed. Among of a series of contexts that are worth mentioning, we notice, for example, that the author chooses scenarios with the presence of characters usually privileged by the legal environment or that, at least, are graduates. In this sense, the reader of Machado de Assis is naturally exposed to plural themes and knowledge that involve Law. On account of all this, in order to perform a research on the construction of this character in certain literary creations of the writer, three short stories were selected: “*Virginius (narrative de um advogado)*”, “*Ex Cathedra*” and “*Suje-se Gordo!*”. Some of these narratives even address the way the labors were solved at the time when they were published. Not only that, but they also present legal situations with the involvement of graduates or, frequently, even of lawyers already established. There are several angles in which he appears: sometimes as the main character, acting as the narrator of the plot. By the exposed, as the main goal, this paper proposes an analysis from the point of view of the character privileged by the legal environment on the three short stories chosen from the referred author. The main methodological approach for this study is the theoretical research, based on a bibliographical reference. Under this assumption, we perform an overview on the theoretical framework, in special when regarding the narrative texts selected for analysis. Concerning the main researchers for research and grounding, it is worth to stand out Gustavo Tadeu Alkmim (2008) and Roberto Schwarz (1988) concerning the plurality of the themes found in the Machadian plots; Antonio Candido (1977), Alfredo Bosi (2002), Leonardo Affonso Pereira (1968), Miguel Matos and Cássio Schubsky (2008) on the biography and different activities to which the author was dedicated; Sergio Buarque de Holanda (1936), Alfredo Bosi (2007), Oziris Borges Filho (2007), Marisa Gama-Khalil (2008) and Valdeci Rezende Borges (2000 and 2007) to talk about the city of Rio de Janeiro at the time of Machado and as an observational material for his writings; Nádia Battella Gotlib (1985) and John Gledson (2005) about the chronicler face of the author; José Wanderley Kozima (1996), besides Miguel Matos and Cássio Schubsky (2008) once again, to mention the presence of the legal world also in Machado’s life; Gustavo Tadeu Alkmim (2008) one more time and Luiz Carlso Cancellier de Olivo (2007) regarding the Mark Law in the literary production of “*Bruxo do Cosme Velho*”; Roberto Schwarz (1990), Gilberto Freyre (2006), Beth Brait (1985), Oswald Ducrot and Tzvetan Todorov (1972), Massaud Moisés (1992) and Aristotle (s/d) with respect to the character and also the construction of the Machadian interpreters; Antonio Candido (2011), Ligia Chiappini Leite (1985) and Therezinha Mucci Xavier (1986) for the analysis of the short story “*Virginius (narrativa de um advogado)*”; Antonio Dimas (1985) and Rodrigo de Avelar Breunig (2006) in regard to the understanding of “*Ex Cathedra*”; Ana Helena Armange (2014) and once more the authors Nádia Battella Gotlib (1985) and Marisa Gama-Khalil (2008) for the work with the narrative “*Suje-se Gordo!*”, among a series of other authors studied, classic and contemporary.

Keywords: Machado de Assis; Short Story; Character; Law.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I. VIDA E OBRA DE MACHADO DE ASSIS	18
1.1. O Alcance das Dimensões Literárias Machadianas.....	19
1. 2. Um Machado de Mil Facetas.....	25
1. 3. A cidade do Rio de Janeiro à Machado	34
CAPÍTULO II. ASPECTOS JURÍDICOS NO DIA A DIA E NA FORTUNA LITERÁRIA MACHADIANA	42
2. 1. Um Contista por Excelência.....	42
2.2. O Mundo Jurídico e Seus Reflexos Em Uma Vida	46
2. 3. Desdobramentos do Direito na Produção Literária Machadiana.....	48
CAPÍTULO III. PERSONAGENS PRIVILEGIADOS PELO MEIO JURÍDICO	63
3.1. A construção da personagem machadiana	64
3. 2. O intrigante caso de um bacharel em “Virginus (narrativa de um advogado)”	71
3. 3. As peculiaridades do personagem-leitor de “Ex Cathedra”	85
3. 4. “Suje-se Gordo!” e os sobressaltos de Tribunais do Júri	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

“Machado nos une. O Direito nos une. De repente, percebemos que o Direito em Machado nos une também” (MATOS & SCHUBSKY, 2008, p. 07).

A presente dissertação de mestrado que ora se inicia está vinculada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG – Regional Catalão. Tem como título “A Constituição do Personagem Privilegiado Pelo Meio Jurídico em Contos de Machado de Assis” e será dividida em três capítulos. Inicialmente, vale destacar - dentre uma série de abordagens que tem merecido o enfoque da crítica - um ponto comum observado nos enredos machadianos, qual seja a constância do meio jurídico retratado.

Em suas páginas está longe de causar estranhamento o fato dos protagonistas serem, quase sempre, bacharéis em Direito. Especificamente, é perceptível uma notável preferência para os advogados. Com isso, a temática em tela surge através da proposta de estabelecer uma análise do paralelo “Literatura de Machado de Assis X Direito e questões jurídicas”, ressaltando, nesse sentido, a importância da constituição do personagem em função da presença de tópicos forenses no entorno narrativo.

Para tanto, proceder-se-á com o estudo de enredos selecionados em que a presença do personagem atuando no meio jurídico faz-se imperativa. Como subsídios principais, têm-se várias criações do autor para o escopo da proposta em questão, dentre elas: “Virginius (narrativa de um advogado)”, publicado em 1864 no **Jornal das Famílias**; “Ex Cathedra”, de 1884, da coletânea de contos **Histórias Sem Data** e “Suje-se Gordo!”, de 1906, em **Relíquias da Casa Velha**. Tais contos resguardam a necessidade de um estudo voltado para a construção dos personagens entremeio o espaço literário que habitam.

Isso, levando-se em consideração que a presença do Direito é estritamente recorrente em diversas passagens, para não dizer nas narrativas como um todo. Almejando o alcance dos objetivos propostos, o Capítulo I do texto dissertativo, “Vida e obra de Machado de Assis”, será dividido em três partes: *O Alcance das Dimensões Literárias Machadianas*, *Um Machado de Mil Facetas* e *A cidade do Rio de Janeiro à Machado*.

Assim sendo, terá como intuito situar Machado de Assis no século XIX frente à sua importância na cidade do Rio de Janeiro e no quadro da literatura brasileira, bem como procurará falar do período histórico vivenciado por ele. Além disso, a questão do

ensino superior da época também será trabalhada, uma vez que o curso de Direito era um dos poucos existentes e, talvez por isso, também tido como de grande prestígio. Nesse sentido, dentre outros fatores, a intenção será a de ressaltar a influência dos bacharéis de Direito na obra do autor.

Tal aspecto se dará pelo fato de suas criações literárias serem repletas de personagens do Direito. O tópico que iniciará o primeiro capítulo - nomeado *O Alcance das Dimensões Literárias Machadianas* – busca apresentar um breve resumo acerca das tramas no que diz respeito à presença do que há de jurídico inserido nelas. Isso, para que posteriormente inicie-se um estudo mais aprofundado no sentido de explorar algumas teorias específicas. Antes de mais nada, destaca-se que:

a grande vantagem de uma interligação entre Direito e Literatura é que esta possibilita àquele uma análise dos acontecimentos jurídicos sobre outra perspectiva. Ela expande, naturalmente, os vários campos de sentidos dos leitores, por ser uma das mais variadas maneira de entendimento da sociedade que traz dentro de si e ‘de uma vez só’, inúmeros outros questionamentos filosóficos, sociológicos, psicológicos, biológicos, religiosos (TEÓFILO, (s/d), p. 2, grifo do autor).

Nesse contexto, os três contos a serem selecionados como foco principal do presente estudo atendem a essa proposta de interligar questões jurídicas e literárias. A elucidação das diversidades de leituras possíveis que podem ser extraídas dos enredos machadianos - como, por exemplo, a marca do espaço literário, o viés irônico, a perspectiva do romance policial, a presença do fantástico, dentro uma série de outros fatores - também será considerada.

Daí por diante, a abordagem deste primeiro capítulo se completará com o seguinte título: *Um Machado de Mil Facetas*. Oportunidade esta em que será realizada uma breve apresentação da biografia e história do escritor. Nascido no Rio de Janeiro, a percepção de que o autor fora uma carioca enamorado por sua cidade natal pode ser extraída dos inúmeros enredos e personagens inseridos em tal espacialidade geográfica.

Dando continuidade, procurar-se-á ressaltar as principais fases da escrita deste autor, ou seja, as primeiras obras integrantes da conhecida fase romântica, os “livros da meia-idade do autor” (MATOS & SCHUBSKY, 2008, p. 31) e seus “romances de maturidade” (MATOS & SCHUBSKY, 2008, p. 31). Também se dissertará acerca do percurso do escritor apontando suas primeiras produções em diversos eixos literários, as temáticas as quais ele costumava dedicar, bem como suas atuações em outras atividades e profissões as mais variadas possíveis, dentre outros.

Após isso, em *A cidade do Rio de Janeiro à Machado* se concentrará o objetivo de apontar alguns fatos marcantes que delimitaram os rumos desta região e suas transformações naquele período. A faceta Machado de Assis cronista será abordada, pois grande parte desta produção marca o referido espaço geográfico daquela época. É oportuno mencionar que, por intermédio de tal gênero textual, as transformações do espaço urbano do Rio de Janeiro eram elucidadas aos olhos do autor e dentro do contexto literário. Nesse sentido, é possível verificar a realidade de que

muitas das crônicas de Machado foram escritas no dia seguinte ao de algum acontecimento, usando mesmo referenciais como ontem ou anteontem, potencializados pelas datas dos periódicos. Uma efemeridade aparente: lemos as crônicas dentro de sua aura de perecíveis e isto lhes atribui uma substância temporal quase tátil. Em alguns momentos, é como se pudéssemos tocar o instante que se lê, tão nítida a sua representação (VOGEL, 1994, p. 74).

Paralelamente a isso, falar-se-á brevemente acerca da teoria do espaço. Por fim, será possível visualizar que a sociedade urbana emerge como extenso material de análise para o escritor. Mais do que isso, ela é tida como inspiração às suas incontáveis páginas. Interessante que não apenas Machado, mas também outros autores souberam analisar tal cidade a fim de retratá-la dentro da literatura brasileira.

Aluísio de Azevedo e Lima Barreto podem ser tomados como exemplo disso haja vista que o Rio de Janeiro, até o final do século XIX, era a capital do Império e, a partir de 1889 a 1930, da República “Velha”, local onde questões de natureza política, social, econômica e artística aconteciam em primeira mão no quadro nacional. Ainda no mesmo tópico, tanto a ironia quanto o caráter de tragicidade machadianos poderão ser pincelados.

Os dois assuntos contribuem para a crítica social que exerce Machado denunciando, então, as mazelas as quais podem ser observadas na época, sendo elas, por exemplo: o tráfico negreiro, o matrimônio tal qual um “negócio”, as fraquezas da sociedade etc. Enquanto isso, o capítulo II, “Aspectos jurídicos no dia a dia e na fortuna literária machadiana”, receberá a seguinte segmentação: *Um Contista por Excelência, O Mundo Jurídico e Seus Reflexos Em Uma Vida e Desdobramentos do Direito na Produção Literária Machadiana*.

Dessa forma, *Um Contista por Excelência* terá como propósito falar sobre uma de suas facetas de maior destaque e também a que mais nos chama a atenção por ora. Cabe frisar que “conforme alguns críticos e historiadores literários, o laboratório

operoso do artesão Machado de Assis é percebido nos contos” (GUALBERTO, (s/d), p. 5). Sobressai-se que ele foi

se não o iniciador, um dos primeiros cultores e porventura o primacial escritor na língua portuguesa. Efetivamente ninguém jamais [...] contou com tão leve graça, tão fino espírito, tamanha naturalidade, tão fértil e graciosa imaginação, psicologia tão arguta, maneira tão interessante e expressão tão cabal, historietas, casos, anedotas de pura fantasia ou de perfeita verossimilhança, tudo recoberto e realçado de emoção muito particular, que varia entre amarga e prazenteira, mas infalivelmente discreta. Histórias de amor, estados d’alma, rasgos de costumes, tipos, ficções da história ou da vida, casos de consciência, caracteres, gente e hábitos de toda a casta, feições do nosso viver, nossos mais íntimos sentimentos e mais peculiares idiossincrasias, acha-se tudo superior e excelentemente representado, por um milagre de transposição artística, nos seus contos. E sem vestígio de esforço, naturalmente, num estilo maravilhoso de vernaculidade, de precisão, de elegância (VERÍSSIMO, 1915, p. 45).

De modo paralelo, em tal tópico da dissertação, parte da teoria do conto é retomada de modo a entender como se dá a existência dos mesmos. Vale destacar que as narrativas curtas, em um primeiro momento, existem como um costume oral e só tardiamente passam a figurar ao modo escrito literário. Assim sendo, vale lembrar, é na Idade Média Islâmica que se data o seu avolumamento.

Acerca da dificuldade de se escrever contos, assim como os demais autores, o próprio Machado de Assis opina sobre o trabalho de elaboração que este determinado gênero resguarda. Também o atrito e mescla entre realidade e ficção poderão ser notados. Caminhando para o final, algumas possíveis justificativas no que diz respeito à proximidade da escrita deste autor com o referido gênero são apresentadas.

Em *O Mundo Jurídico e Seus Reflexos Em Uma Vida*, o intuito será de destacar aspectos que possivelmente motivam a escrita do autor. Nesse contexto, surpreende a frequência com que o mundo do Direito aparece retratado nas obras de Machado. Também em sua vida diária o convívio com bacharéis fez-se notável. Além de uma pluralidade de outras suposições, isso aparentemente pode ter influenciado o escritor e sua produção literária em determinado ponto.

Apesar das muitas dificuldades enfrentadas e de sua origem humilde, o autor, desde sempre, mostrou-se uma promessa de revelação. Assim, “o mulato nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, em 1839, tinha todos os requisitos para ser apenas mais um dos muitos cidadãos fracassados que preenchem o universo das periferias das grandes cidades” (ANDRADE & OLIVEIRA, (s/d), p. 2). Todavia, ao contrário disso,

ao morrer, em 1908, recebe honras fúnebres de chefe de estado. A celebridade alcançada no fim da vida demonstra que a ascensão social alcançada pelo ‘bruxo do Cosme Velho’, como assim o chamou Carlos Drummond de Andrade, somente foi possível devido ao seu esforço permanente em captar a realidade e mais ainda por seu talento insubstituível de transformar histórias em páginas de livros (ANDRADE & OLIVEIRA, (s/d), p. 2, grifo dos autores).

A curiosidade por suas preferências enquanto escritor chama a atenção tanto dos leitores comuns quanto dos críticos de literatura. Ao final do segundo capítulo, o foco de *Desdobramentos do Direito na Produção Literária Machadiana* centra-se no envolvimento do escritor com temáticas que retratam lides judiciais e nos personagens influenciados pelo mundo do Direito. Neste ponto diversos excertos de romances ganharão destaque acerca dos momentos os quais apresentam temáticas jurídicas.

A linguagem forense também será mencionada, entretanto, frente à sua assiduidade dentro da produção do autor. Para exemplificar, haverá a utilização de um dos próprios contos selecionados para estudo, qual seja “Virginius (narrativa de um advogado)”. Paralelamente a isso, listar-se-á parte das narrativas em que algo de Direito pode ser visualizado.

Outras funções exercidas por Machado de Assis também acabarão sendo enumeradas. Como exemplo, em certo momento de sua carreira profissional, ele chega a criar os mais aprofundados e diferentes pareceres, ofício inúmeras vezes comum aos profissionais do Direito. Cabe acentuar que o escritor também ocupou importante espaço na Academia Brasileira de Letras a qual, inicialmente, tinha como frequentadores bacharéis da formação jurídica em sua grande maioria.

Dando continuidade ao estudo em questão, o capítulo III, “Personagens privilegiados pelo meio jurídico”, receberá a seguinte divisão: *A construção da personagem machadiana, O intrigante caso de um bacharel em “Virginius (narrativa de um advogado)”*, *As peculiaridades do personagem-leitor de “Ex Cathedra” e “Suje-se Gordo!”* e *os sobressaltos de Tribunais do Júri*. Além disso, terá como objetivo uma abordagem teórica-conceitual para melhor compreender os personagens dentro de determinados enredos machadianos.

Frisa-se que os três contos selecionados são norteados pelo intuito de um trabalho mais aprofundado. Todos fazem parte do Machado de Assis contista, uma das facetas de maior destaque do escritor e enfatizam, praticamente em suas totalidades, o Direito. Certas narrativas retratam as soluções das lides de acordo com o contexto histórico da época.

Sendo assim, percebe-se que mesmo na hipótese de não conhecerem de modo aprofundado leis e doutrinas, seus leitores acabam expostos a assuntos amplamente abordados pela justiça. Vale realçar que “para o jurista [...], conhecer os conflitos de uma época é dizer o direito que vigorava naquele contexto” (CHAVES & LIMA, 2011, p. 158), tal como se espera perceber pelas narrativas selecionadas.

O referido capítulo tem início com o tópico *A construção da personagem machadiana* e, dentre outros fatores, procura retratar uma suposta fórmula narrativa do escritor. Fórmula esta que consiste em “fotografar” os acontecimentos da sociedade em sua literatura, muitos desses envolvendo temáticas do Direito. Nesse contexto, é importante ressaltar que:

por meio de recriações literárias, pode-se visualizar o mundo jurídico. Vale ressaltar que é o lugar propício para compreender as relações humanas. A literatura é o instrumento importante para se obter registros históricos dos valores de um determinado lugar ou época, informações importantes para o sistema jurídico. A literatura conduz o leitor, mesmo sem ter consciência que está sendo conduzido, à reflexão sobre um determinado preceito do mundo, da vida e, conseqüentemente, quanto à norma vigente naquele contexto. Esta análise reduz o abismo existente entre os mundos do ser e do dever ser, entre o fato e o direito, tendo em vista, que o ser aparece neste contexto (CHAVES & LIMA, 2011, p. 154).

Em continuidade, o termo “personagem” receberá algumas elucidações e, então, terá seu sentido explicitado por meio de alguns dicionários específicos ou não. A obra **Teoria do Conto** de Nádya Battella Gotlib (1985) é tomada como importante subsídio em diversas passagens para a configuração dos estudos teóricos. Para que a questão do personagem seja pensada, recorrer-se-á ao desenvolvimento da temática no tocante a diversos estudiosos e suas contribuições.

A seguir, o espaço narrativo chama a atenção por, em determinados momentos, consistir em ambientes próprios da esfera jurisdicional. Para ilustrar, o conto “Suje-se Gordo” tem a maior parte de seu enredo em um Tribunal do Júri. No fim, será reforçada a importância do personagem como foco principal de estudo e pontapé inicial para as demais análises.

A próxima parte, inserida também no terceiro capítulo, começará com a análise individual dos textos literários selecionados frente ao tema da dissertação. Em suma, antecipa-se que “Virginius (narrativa de um advogado)” diz respeito às surpresas vivenciadas por um bacharel em Direito quando ele é contratado para atuar como defensor de um caso atípico.

Por sua vez, “Ex Cathedra” aborda a postura devotada de outro personagem - também graduado no referido curso - para que as coisas corram da forma como ele tanto almejava. Por último, “Suje-se Gordo!” brinda o leitor com acontecimentos inusitados os quais se passam no acaso de dois Tribunais do Júri oscilando as posições entre jurado e réu. Os contos retratados seguirão a ordem de suas publicações e, além da temática principal, outros desdobramentos deverão ser considerados.

Dentre eles estão os valores morais da época, os ditames tradicionais da família, o espaço narrativo, o vocabulário referente ao meio jurídico, a visão da mulher do final do século XIX etc. Frente ao exposto, longe de esgotar todas as possibilidades, cabe mencionar que quando se fala em Machado de Assis outras possibilidades interpretativas podem surgir. O autor, já exaustivamente estudado, ainda assim, proporciona novos desdobramentos para o enriquecimento de sua fortuna crítica, até então inesgotada e em constante processo de construção.

CAPÍTULO I

VIDA E OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Em primeiro lugar, vale dizer que o presente capítulo tem como foco destacar a inserção do autor Machado de Assis no século XIX, bem como a importância da cidade do Rio de Janeiro aos seus escritos. Nesta direção, procura-se dissertar acerca do período histórico vivido pelo autor. Não apenas isso, mas a questão dos cursos superiores até então existentes na época também é levada em consideração. Isso, uma vez que o curso de Direito, além de um dos poucos possíveis naquele momento histórico, era tido como de prestígio.

Dentre outros aspectos, o intuito é de ressaltar a influência dos bacharéis em Direito nos enredos machadianos, já que a presença constante deles pode ser notada em incontáveis momentos. Paralelamente a isso, o tópico que inicia o capítulo - intitulado *O Alcance das Dimensões Literárias Machadianas* – busca realizar uma breve passagem pelas tramas, principalmente em se tratando da recorrência do que há de jurídico em cada uma delas.

Logo após, procura-se explorar algumas teorias mais objetivas. Além disso, fala-se das inúmeras análises possíveis de serem desdobradas a partir dos escritos do referido autor. Dentre uma série de outros aspectos fundamentais, a conduta irônica, a observância do fantástico e o espaço literário são mencionados. Por conseguinte, em *Um Machado de Mil Facetas* realiza-se uma rápida apresentação sobre a história e a biografia do autor.

Nesse contexto, merece proeminência o fato dele ter sido um carioca apaixonado por sua cidade natal. Tanto é verdade que são diversos os intérpretes narrativos e os textos literários que se passam nesta localidade. As mais importantes fases da escrita de Machado de Assis também são abordadas, assim como as outras variadas ocupações para as quais ele se dedicava.

Ao final, no tópico *A cidade do Rio de Janeiro à Machado*, busca-se apontar - dentro da complexidade da nação brasileira de então - para os acontecimentos marcantes que contribuíram com as mudanças daquela época. A vertente do escritor como cronista também chama a nossa atenção, afinal, também por este gênero textual ele apresenta as

complexas transformações do espaço urbano do Rio de Janeiro no contexto literário. Após isso, elucida-se sobre a teoria do espaço e, também, pode-se perceber que a sociedade urbana se dá como rico material de observação aos olhos do referido autor.

1.1. O Alcance das Dimensões Literárias Machadianas

O Direito, inegavelmente, encontra-se interligado à construção de uma série de obras literárias. Tão grande a sua imprescindibilidade, estende-se à sociedade hodierna como um todo e daí a referida preocupação em orientar uma atenção ao profissional das leis também dentro de enredos da literatura brasileira, especificamente, no que diz respeito às obras machadianas.

Fica claro ao leitor a realidade de que “Machado usou e abusou de figuras de linguagem construídas a partir do Direito, demonstrando conhecimento aprofundado da matéria” (VIEIRA, 2008, p. 1). Nesse caminhar interpretativo, “é com os olhos de jurista que [...] desenrola seus enredos e apresenta as contradições e os conflitos da vida” (VIEIRA, 2008, p. 1) demonstrando uma habilidade infundável para a arte de uma escrita trabalhada e inteligente.

Dentre as pluralidades de leituras permitidas, tem-se a marca exaustiva de um viés irônico, de uma escrita astuta. Por outro lado, “há quem busque na narrativa os sintomas das mazelas sociais de uma época [...]. Há leitores-pesquisadores que procuram inserir a obra num determinado contexto histórico [...]” (ALKMIM, 2008, p. 10) e é unânime o entendimento de que a própria cidade do Rio de Janeiro serviu de palco para observação do referido autor.

Em resumo, não parece ser possível “entender a obra sem um olhar para o contexto social. Quando retratamos o momento histórico, conseguimos identificar os traços econômicos, políticos e os conflitos que permeavam aquele momento” (CHAVES & LIMA, 2011, p. 158). O local é notadamente “recontado” em seu espaço literário.

Por meio das obras escritas, a partir de experiências vivenciadas na época, pode-se refletir acerca da história urbana do local, evitando, assim, um conhecimento superficial advindo de “verdades” tendenciosas. O Rio de Janeiro é palco do espaço literário machadiano e as narrativas deste autor permitem-nos reflexões acerca da história urbana da cidade.

Dentre os estudiosos de Machado, são muitos “aqueles que se deixam levar por um aparente pessimismo; por outro lado, não são poucos os que destacam a sensibilidade feminina do autor; em contrapartida, há quem critique a ausência do negro e da escravidão na obra de Machado” (ALKMIM, 2008, p. 10). Nesse sentido, cabe pontuar que o escravismo se trata de importante temática, pois “desmente as ideias liberais” (SCHWARZ, 1988, p. 16) e denuncia o que de obscuro estava socialmente enraizado.

Dando continuidade, em se tratando do estudo das produções machadianas, fazem-se presentes outros “que aplaudem a falta de patriotice, do ufanismo aos símbolos nacionais, à natureza paradisíaca e a um indígena tão brasileiro quanto idealizado” (ALKMIM, 2008, p. 10) no imaginário popular. Temáticas essas que pareciam chamar a atenção dos autores da primeira metade do século XIX. Contudo, a produção literária do final deste século procurou fugir a esse ufanismo tão presente na produção romântica brasileira.

Observamos que, em Machado, o sentimento de brasilidade está na sua capacidade em “fotografar” o cotidiano do Rio de Janeiro em todas as suas nuances: política, social, econômica, religiosa, retratando a vida urbana da capital do império em toda a sua produção, inclusive em suas crônicas, oportunidade em que o real e o fictício agregavam-se.

Os “costumes e hábitos, a moda, as crenças, as relações de ordem social, ou mesmo as relações familiares no conjunto das normas burguesas, a posição da mulher e tudo que havia de hipócrita na sociedade” (MARIA, 1986, p. 36) acabavam sendo revelados pelos olhos do literato. Acreditamos que, pelo viés da ironia é possível compreender boa parte da produção machadiana, principalmente aqueles escritos nos quais o Direito se faz presente.

Machado é um homem de seu tempo e a presença do profissional da área jurídica é uma maneira de retratar a intelectualidade do Rio, afinal, restava aos jovens estudantes brasileiros – que possuíam condições para isso - cursar uma Faculdade de Direito, visto que o Rio de Janeiro se desdobra como parte inerente de sua produção literária. Trata-se do “*habitat* natural do homem civilizado” (TEIXEIRA, 2008, p. 153) e o ponto de partida para que tudo aconteça.

Ainda, no panorama dos estudos machadiano, existem críticos que “buscam uma outra narrativa, oculta nas entrelinhas e muito mais genial [...]. Há, enfim, quem lê Machado considerando todas essas maneiras e ainda outras, muitas outras, que não se

esgotam neste arrolamento meramente ilustrativo” (ALKMIM, 2008, p. 10). Longe de esgotar todas as possibilidades de leituras, fala-se também na perspectiva do romance policial.

Pode até mesmo haver a aceitação subentendida de algum detetive, já que este tipo de romance se trata de uma narrativa ficcional a qual “expõe uma investigação, ou seja, a superação metódica de um enigma ou a identificação de um fato ou pessoa misteriosos” (PIRES, 2006, p. 14). Um exemplo clássico é o livro **Dom Casmurro** que pode ser analisado também na perspectiva do romance policial. Isso, devido ao fato de que o leitor torna-se responsável por investigar e desconfiar do que sugere o narrador, ou seja, o adultério de Capitu foi ou não autêntico?

Capitu verdadeiramente traíra o seu marido Bentinho ou tudo não passa de especulações sem fundamento? Paira sob o texto determinadas incongruências e as pistas são muito duvidosas: os “olhos de ressaca” (ASSIS, (s/d), p. 27a), os “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS, (s/d), p. 26a), as “semelhanças assim esquisitas” (ASSIS, (s/d), p. 64a), dentre outros. O ponto de vista de um narrador de primeira pessoa, personagem protagonista, leva o leitor a desconfiar de suas afirmações e investigar as dúvidas por ele levantadas, mas não nos cabe aqui levar adiante esta questão, pois nossa leitura caminha por outras sendas.

Na avaliação geral da sua produção, não se pode afastar a ideia de encontrar em Machado de Assis construções sob a vertente do fantástico, até mesmo no que diz respeito à descrição da realidade local dentro do gênero. Entre outras preferências desse tipo de literatura, ele foi “leitor também de Ernst-Theodore-Amadeus Hoffmann (1776-1822) e Edgar Allan Poe (1809-1849).” (LULA, 2005, p. 11), dois escritores contemporâneos a Machado que são declaradamente ligados à narrativa fantástica.

Alguns chegam a dizer que o escritor é “um dos nomes maiores do conto fantástico nas literaturas em língua portuguesa e figura dentre os grandes nomes mundiais do gênero” (CAVALCANTE, 2003, p. 60). Só para ter noção, a antologia intitulada **Contos fantásticos: Machado de Assis** (1973) - organização do crítico Raymundo Magalhães Júnior - reúne onze contos do autor sob a perspectiva do fantástico.

Além destes, em uma dissertação de mestrado chamada **Quase-macabro: o fantástico nos contos de Machado de Assis** – autoria de Marcelo José Fonseca Fernandes, defendida no ano de 1999, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - são acrescentados outros quatro contos aos anteriormente classificados pelo escritor da

antologia supracitada. O texto narrativo “As Academias de Sião” é tido como exemplificação notória do que se chama do flerte de Machado de Assis para com o fantástico.

Paralelamente a isso, tal qual perspectiva recorrente, a memória do acontecido se dá como marco e o universo jurídico influencia amplamente a sua produção. Cabe dizer que o autor “lidava basicamente com relações cotidianas, sociais e urbanas; humanas, enfim. O olhar sobre essas relações é que depende basicamente do ponto de vista do leitor, considerando, evidentemente, o foco narrativo” (ALKMIM, 2008, p. 10). Como se vê,

o objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras, silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos; e para a crítica sociológica é quase-tudo. De todo modo, pulsa neste *quase* uma força de universalização que faz Machado inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo luso-carioca e do seu repertório de pessoas e situações do nosso restrito oitocentos fluminense burguês. (BOSI, 2007, p. 12, grifo do autor).

Frente ao exposto, diante de tão vasta possibilidade de análise da obra de Machado, tornou-se necessário fazer um recorte temático e teórico na extensa produção machadiana. O nosso objetivo principal está centrado na realização de um estudo acerca da constituição do personagem privilegiado pelo meio jurídico em três contos de Machado de Assis.

Conforme anteriormente mencionado, as narrativas selecionadas foram “Virginius (narrativa de um advogado)”, “Ex Cathedra” e “Suje-se Gordo!”. Os três contos possuem como pontos principais em comum a representação de situações jurídicas típicas mescladas com a presença de marcantes personagens pertencentes a esse meio. Isso, uma vez que

é compreensível que Machado não tenha reduzido as suas personagens àquela galeria de tipos locais que os realistas e naturalistas da época tantas vezes desenharam com o traço da *mimesis* convencional. O tipo é um conjunto fechado de caracteres psicossociais. O comportamento da personagem-tipo é previsível no sentido da reprodução da própria identidade pública (BOSI, 2007, p. 159).

Nesse caminhar interpretativo, o conto “Virginius (narrativa de um advogado)” foi publicado originalmente no **Jornal das Famílias** em agosto de 1864, todavia, não voltou a ser republicado por Machado de Assis em vida. Ele se situa na parte intitulada “Outros contos” da edição da Nova Aguilar, de 1992, no volume II. No transcorrer de

sua leitura, o público depara-se com uma história sobre representantes opositivos da classe dominante.

A intitulação do texto narrativo faz referência à tragédia de *Virginius*, que se passara há vinte e três séculos na sociedade romana. Sendo assim, a trama começa com o recebimento de um bilhete anônimo convocando o protagonista da história, um advogado/narrador, para comparecer em uma vila distante da corte com o intuito de acompanhar um processo:

O Dr. *** é convidado a ir à vila de... tomar conta de um processo. O objeto é digno do talento e das habilitações do advogado. Despesas e honorários serão satisfeitos antecipadamente, mal puser pé no estribo. O réu está na cadeia da mesma vila e chama-se Julião. Note que o Dr. é convidado a ir defender o réu (ASSIS, 2008, p. 51).

O personagem, movido pela curiosidade e visualizando a promessa de bons lucros, resolve seguir até o local, certo da ideia de que aquele bilhete misterioso e anônimo parecia-lhe um romance. Contudo, a recorrência de relacionamentos viciados situa-se nas entrelinhas do conto. Isso, uma vez que, no sistema social escravista, a violência parece ser a única saída exequível às situações de conflito.

Logo, fica claro que ele já resguarda a atenção de um olhar jurídico frente a sua própria denominação. Tal como explicitado, tratar-se-á de um enredo especificamente narrado por um advogado da forma como realmente ocorre. Além disso, o conto contextualiza-se no Brasil do século XIX, na véspera das festas de São João. Vale retratar que ao invés do viés satírico, tem-se aqui as nuances de um ar moralizante.

É com ele que Machado passará a penejar em sua fase madura e do qual será falado mais adiante. Ao final, adianta-se que, em “*Virginius* (narrativa de um advogado)”, o autor aborda a temática da escravidão, bem como de determinadas práticas sociais vivenciadas na época em que o conto é descrito.

O segundo texto literário a ser estudado é “*Ex Cathedra*”, incluído na coletânea de contos de nome **Histórias Sem Data**, de 1884. Apesar da ausência do Direito no espaço propriamente dito, muito há de jurídico no personagem principal. Trata-se do velho Doutor Fulgêncio, Bacharel em Direito, que tinha o hábito de leitura como vício. Certa vez, ele chega a escrever uma constituição:

com o tempo chegou, não já à superstição, mas à alucinação da teoria. Uma de suas máximas era, que a liberdade não morre onde restar uma folha de papel para decretá-la; e um dia, acordando com a ideia de melhorar a condição dos turcos, redigiu uma constituição, que mandou de presente ao ministro inglês, em Petrópolis (ASSIS, 1884, p. 2).

Fulgêncio é um homem culto e dotado de notável inteligência. Não espanta, então, a forma como ele conduzirá o enredo para que as coisas se encaixem do modo esperado. Com um objetivo em mente, ele ensina noções de amor para a sua afilhada Caetaninha e o sobrinho Raimundo, que chega até a fazenda na qual a moça vive na companhia de seu padrinho.

Por último, “Suje-se Gordo!”, originalmente publicado em **Relíquias da Casa Velha** no ano de 1906, aborda o desenrolar da trama sob as discussões de certo ou errado. A maior parte do enredo acontece em um Tribunal do Júri apresentando a realidade e atuação de um jurado. Isso acaba por colocar em questionamento os conceitos que os leitores possuem das noções de Direito e Justiça.

O conto tem início com o narrador lembrando de um diálogo ocorrido há anos entre ele e um amigo. Na referida noite em recordação, eles caminhavam pelo “terraço do teatro de S. Pedro de Alcântara” (ASSIS, 2008, p. 45). Enquanto isso, passava-se “o segundo e o terceiro ato da peça *A sentença* ou *O tribunal do júri*” (ASSIS, 2008, p. 45), o que os instigou a conversar a respeito do Tribunal do Júri propriamente dito.

Relata-se o caso de um homem que servira como jurado para o julgamento de determinada pessoa. Tanto os argumentos da defesa quanto da promotoria pareciam-lhe convincentes, contudo, aparentemente aquele réu era culpado. Por isso, o então jurado dizia “‘suje-se, gordo’, com referência à grande besteira que o cidadão houvera cometido o que sujaria sua vida para sempre” (SILVA. A, 2009, p. 1, grifos do autor). Isso acabou por deixar o narrador assustado:

‘Suje-se gordo!’ Confesso-lhe que fiquei de boca aberta, não que entendesse a frase, ao contrário; nem a entendi nem a achei limpa, e foi por isso mesmo que fiquei de boca aberta. Afinal caminhei e bati à porta, abriram-nos, fui à mesa do juiz, dei as respostas do conselho e o réu saiu condenado. O advogado apelou; se a sentença foi confirmada ou a apelação aceita, não sei; perdi o negócio de vista (ASSIS, 2008, p. 47).

O título do conto soa ao leitor “tanto como um incentivo quanto como um desafio. Ele é como o enigma da esfinge. Ele desafia a todos que o leem”. (RIOS, 2012, p. 4). Vale ressaltar que “por um lado, o ‘Suje-se gordo!’ é a confissão do próprio narrador de que ele deseja condenar, de que ele deseja se sujar; por outro, essa frase é como um imperativo para que ele se esbalde em condenar mais esse réu” (RIOS, 2012, p. 25), uma enfática acusação.

Ao final, pode-se perceber que o Direito figura em todo lugar e “não há romance sem um personagem jurídico do meio jurídico, e poucos são os contos em que ele não

apareça” (MATOS & SCHUBSKY, 2008, p. 104). Por meio de enredos diversificados do referido autor, o leitor acaba sendo exposto a uma fusão de conhecimentos e, no caso do Direito, também a uma série de áreas que perpassam pela ciência. Dando continuidade, o segundo tópico do presente capítulo abordará uma breve biografia de Machado, bem como suas diversas facetas e aptidões.

1. 2. Um Machado de Mil Facetas

No dia 21 de junho de 1839 nasce Joaquim Maria Machado de Assis¹, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, local em que fora criado. Pode-se afirmar que ele foi um carioca apaixonado, tanto que poucas vezes durante a vida saiu da cidade. Através de sua fortuna literária, é notável a escolha da capital fluminense como cenário recorrente, praticamente em sua maioria, para a produção de seus escritos.

Por isso, evidencia-se que o centro do Rio de Janeiro retrata o princípio do universo machadiano. Nesse cenário, “restam muitos prédios contemporâneos do escritor, trechos de rua com os mesmos aspectos vistos por seus personagens” (MACHADO, 2007, p. 25). É na mesma localidade, mais precisamente em sua casa endereçada na Rua Cosme Velho - “excelente local para se observar a infindável comédia humana carioca, que ele retrata em suas obras” (MACHADO, 2007, p. 42) - na qual ele veio a falecer em 29 de setembro de 1908.

Sua oração fúnebre foi explanada pelo acadêmico Rui Barbosa, na sede da Academia Brasileira de Letras e, na ocasião, decretou-se luto oficial na cidade. Uma multidão acompanhou o enterro do escritor que ocorreu no cemitério São João Batista. Sua morte fora acometida por conta de um câncer. Posteriormente a isso, no ano de 1999, seus restos mortais foram transferidos para a sede da Academia Brasileira de Letras.

Nascido em uma família humilde, pouco se sabe a respeito da infância e início da juventude de Machado de Assis. Apenas alguns pontos podem ser ressaltados com certa margem de segurança. Filho de pai operário e negro, mãe portuguesa, era mestiço.

¹ Para colher as informações biográficas do escritor Machado de Assis, além do referencial ora citado no desenvolvimento deste tópico, uma série de outras autorias foram revisadas. Nesse sentido, pode-se destacar Renard Pérez, que faz um esboço da biografia do autor no volume 1 da **Obra completa**, Editora Nova Aguilar (1992).

Em virtude da perda prematura de sua mãe, acabou sendo criado pela madrasta. Como epilético e gago, apresentava uma frágil saúde.

Além disso, os críticos que o estudaram “nunca deixaram de inventariar e realçar as causas eventuais de tormento, social e individual: cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa” (CANDIDO, 1977, p. 15). Acredita-se que ele não frequentou regularmente a escola e que sua instrução deu-se principalmente por conta própria e graças a uma infindável força de vontade.

Sua madrasta, Maria Inês, chegou a matriculá-lo na escola pública e tem-se notícia de que esta foi a única frequentada pelo escritor autodidata. É até plausível que ele observasse às classes quando lhe sobrava tempo do trabalho, entretanto, “ignora-se como terá sido o seu aprendizado das letras e a sua formação cultural” (LUCAS, 2009, p. 26). O fato é que, além de todas as dificuldades de acesso, Machado se dedicou a aprender.

Muito interessado e de um talento nato, apresentou gosto apurado, em especial e sempre, pelo hábito da leitura. Esse talento levou-o a exercer uma série de profissões distintas, principalmente na área das letras. Considerado uma unanimidade nacional, destacou-se como ensaísta literário, cronista renomado e também pela autoria de peças teatrais, romances, contos e poesias.

Percebe-se que, indubitavelmente, ele atuou em vários seguimentos e “foi de tudo um pouco: romancista, cronista, romancista, crítico literário e poeta – notoriamente um comentarista ferino da sociedade em que viveu, observador arguto das paixões humanas” (VIEIRA, 2008, p. 1). Além disso, dentre outras atividades marcantes, atuou como funcionário público, jornalista, folhetinista, poeta e dramaturgo.

Naquele momento histórico, a literatura não estava relacionada à visão de um trabalho, mas quase como um devaneio, um sonho de idealistas. Para tanto, “restaria a esses homens de letras uma colocação no serviço público, como foi o caso de Artur Azevedo e Machado de Assis [...]” (PEREIRA, 1968, p. 36), de modo a arcarem com seus subsídios para a vivência diária.

Assim, em se tratando de Machado, “a ascensão profissional continua, sempre por mérito. Funcionário exemplar, nunca falta ao serviço, esquiva-se de favorecer conhecidos, examina com minúcia e isenção os processos que lhe passam pela mão” (MACHADO, 2007, p. 25). Como contista, e principalmente romancista, o autor também se destaca. Seu renome caminha ao lado de outros conhecidos contemporâneos

também de alcance internacional como, por exemplo, Maupassant, Eça de Queirós, Tchekhov, dentre outros.

Contudo, o escritor estudado difere um pouco de grandes outros. Principalmente no que diz respeito ao reconhecimento do valor de suas obras que recebeu ainda em vida. Tanto é verdade que “os principais críticos literários de seu tempo, Sílvio Romero e José Veríssimo, definiram – negativa e positivamente – as linhas mestras da fortuna crítica” (BOSI, 2002, p. 8), muito diversificada por sinal.

Por isso, Machado está longe de uma classificação pronta e acabada. Merece destaque o fato de ter sido presidente da Academia Brasileira de Letras desde sua criação em 1896, até a sua morte, ocupando a cadeira número 23. Em função de sua importância, a Academia Brasileira de Letras tornou-se conhecida como “Casa de Machado de Assis”.

Frisa-se também que “Machado foi da política (analisada por Brito Broca), à filosofia (Miguel Reale e Afrânio Coutinho); da religião (Hugo Bressane Araújo) à economia (Gustavo Franco); da história (Sidney Chaloub) à psiquiatria (José Lemes Lopes)” (MENDONÇA, 2009, p. 01). Iniciou sua carreira literária aos 16 anos – na revista do editor Francisco de Paula Brito intitulada **Marmota Fluminense** - com a publicação do poema “Ela”. Já com 17 anos, na Imprensa Nacional, começa a trabalhar como aprendiz de tipógrafo.

Assim, passa a otimizar seu tempo livre dedicando-se à escrita. Atuando como colaborador e revisor da **Marmota**, acaba por fortalecer seu círculo de amigos, tendo Joaquim Manoel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar e Gonçalves Dias como pessoas integrantes dele. Percebe-se que “sua condição social nunca impediu que fosse íntimo, desde moço, dos filhos do Conselheiro Nabuco, Sizenando e Joaquim, rapazes finos e cheios de talento” (CANDIDO, 1977, p. 16), ao contrário do que se poderia imaginar.

Nesse contexto, em análise à carreira intelectual de Machado, pode-se notar o recebimento de constante apoio e apreciação desde o princípio. Tanto é verdade que, com cinquenta anos de idade, “era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele” (CANDIDO, 1977, p. 16). Poucos discordavam desse entendimento:

apenas Sílvio Romero emitiu uma nota dissonante, não compreendendo nem querendo compreender a sua obra, que escapava à orientação esquemática e

maciçamente naturalista do seu espírito. Quando se cogitou de fundar a Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis foi escolhido para seu mentor e presidente, posto que ocupou até morrer. Já então era uma espécie de patriarca das letras, antes dos sessenta anos (CANDIDO, 1977, p. 16).

Antes disso, aos 20 anos, entrou para a Imprensa Nacional, contribuindo, assim, com revistas e jornais. Através do texto da peça **Queda que as mulheres têm para os tolos** (*De L'Amour Des Femmes Pour Les Sots*, do autor Victor Henaux), tem o seu primeiro livro como tradutor, impresso no ano de 1861. Traduziu várias outras peças teatrais, bem como as produziu também. **Crisálidas**, por sua vez, é o primeiro livro de poesias publicado por ele em 1864.

Machado de Assis, em 1861, estreia como cronista. Ele terá um papel importante na crônica literária moderna e também na jornalística. Utilizou-se de pseudônimos carregados de sentido para assinar tais produções. Paralelamente a isso, recebe a nomeação de ajudante do diretor de publicação do **Diário Oficial** em 1867. Sozinho, estudou e aprendeu línguas como inglês e alemão. Enquanto isso, descobriu o francês mediante a ajuda de um padeiro.

Sabe-se também que o autor fez uso de vinte e um pseudônimos durante sua carreira e que o xadrez era seu jogo eleito. Em 1866, Carolina Augusta Xavier de Novais chega ao Rio de Janeiro, com 32 anos de idade. Ela era irmã de Faustino Xavier de Novais, poeta conhecido. Tem-se notícia de que ela conhecera Machado de Assis no ano posterior: “já se amavam então e trocaram cartas” (LUCAS, 2009, p. 30). Apesar de a família Novais fazer oposição à união de ambos, eles se casaram no ano de 1869.

Constituíram “um par de grande harmonia afetiva e intelectual” (LUCAS, 2009, p. 30). Ela era conhecida por sua cultura e foi responsável por apresentar o marido não só a vários autores da língua inglesa, como também aos clássicos portugueses. Não tiveram filhos, mas viveram uma união feliz. Em 1904 sua esposa falece e Machado de Assis, tendo sofrido uma grande perda, dedica-lhe o soneto “Carolina”.

No ano de 1872 lança **Ressurreição**, estreando com o seu primeiro romance. Após isso, no **O Globo de então** (jornal de Quintino Bocaiúva), inicia suas publicações em folhetins de **A mão e a luva**. Criou, para as revistas **A Estação**, **O Cruzeiro** e **Revista Brasileira**, uma gama de contos, romances, crônicas e poesias. Enquanto isso, em 1881, lança **Memórias Póstumas de Brás Cubas**.

O livro é conhecido por sua originalidade, principalmente em se tratando do estilo costumeiramente visto naquela época. Ao lado de **O Mulato** (1881), do autor Aluísio de Azevedo, ambas as obras foram consideradas o que se tem como o marco do

Realismo na literatura brasileira. Dando seguimento, vale salientar que Machado é visto como exímio contista por intermédio de suas mais distintas publicações.

As obras **Papéis Avulsos** (1882), **Histórias sem data** (1884), **Várias Histórias** (1896), **Páginas Recolhidas** (1889) e **Relíquias da casa velha** (1906) são exemplos disso. Além delas, citam-se **Contos Fluminenses** (1870), **Histórias da meia-noite** (1873), dentre outros. Ele também, “ao publicar seus contos na imprensa, lança mão de uma boa quantidade de pseudônimos, tais como Camilo da Anunciação, A., Eleazar, J.B., J.J., Job, Lara, Lélío, M.A., M. de A., Manassés” (RIBEIRO, 2007, p. 4). Mas não se acredita que isso ocorra por um possível desinteresse do autor no sucesso literário.

Ao contrário, é possível observar um “permanente jogo de ocultar-se na imprensa e revelar-se nos livros” (RIBEIRO, 2007, p. 4), o que acabava por suscitar, muitas vezes, problemáticas envolvendo a autoria. Exemplo disso diz respeito ao pseudônimo M. de A., com “iniciais de Machado de Assis, mas também de Moreira de Azevedo, que [...] colaborava na imprensa literária” (RIBEIRO, 2007, p. 5), tal como o primeiro.

Partindo a outra temática, há quem insista na realidade de que os contos machadianos tendem a superar seus romances. Assim, se os segundos já arrematam as atenções do público leitor, os primeiros representam o benemérito da leitura brasileira. Isso, porque o autor se destacou frente às produções do respectivo gênero e abriu fronteiras para que outros escritores – tais como Mario de Andrade e Clarice Lispector – também pudessem trilhar por esse caminho.

Machado de Assis é tido ao lado de Shakespeare, Camões e Dante como um dos grandes nomes da história da literatura. Sua obra é dividida pelos críticos em duas fases: romântica e realista. Ressalta-se que existem, ainda, outras subdivisões dentre tais vertentes literárias de Machado, todavia, por hora, serão destacados apenas os pertencentes às principais fases.

Estão presentes as primeiras obras, que acabam por integrar a dita fase romântica. Dessa forma, na primeira vertente, encontram-se as obras **Ressurreição** (1872), **A Mão e a Luva** (1874), **Helena** (1876) e **Iaiá Garcia** (1878). Os romances são de “quando Machado era moço, ou como preferem alguns de seus biógrafos, quando ainda era o jovem Machadinho – ou, alcunho-lhe: Xaxá” (MATOS & SCHUBSKY, 2008, p. 31), também assim apelidado.

De acordo com Roberto Schwarz, em **Ao Vencedor as Batatas**, as produções supracitadas “trazem na composição a marca da dependência nacional. Falta-lhes no